

Espírito de Doação Total



**São Gaspar Bertoni, Fundador dos Estigmatinos
(1777 -1853)**

Pe. Mário Zuchetto, CSS

Data da Edição Impressa: Janeiro de 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2005

ESTAS PÁGINAS

reproduzem tão somente os pontos colocados à meditação dos estigmatinos no Brasil, por ocasião do retiro espiritual de 1977, bicentenário do nascimento de Gaspar Bertoni. Poderiam intitular-se: CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE DE INCONDICIONAL ENTREGA NAS MÃOS DE DEUS para uma vida de total disponibilidade à ação da graça. Não são teorias. Trata-se de um caminho aberto, que a Providência Divina põe diante de todos, na vida concreta do Beato Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo. A ascese bertoniana já faz parte do patrimônio espiritual de toda a Igreja. É, portanto, uma escola de perfeição que Deus abriu no mundo e na qual os cristãos são convidados a entrar. Franqueada a todos, é, todavia, própria das grandes almas, das vontades férreas, de quem aspira às alturas do heroísmo, dos que não aceitam meias medidas.

Este não é um trabalho original.

Quase tudo que aqui se encontra, é fruto de pesquisa incessante em toda biografia referente ao beato Gaspar, pacientemente realizada pelo Pe. Nello Dalle Vedove css, que no-la oferece em sua obra "UN MODELLO DI SANTO ABBANDONO". Outras fontes literárias utilizadas são: "Pagine di Vita Cristiana", uma coordenação dos sermões pronunciados pelo beato Gaspar, valioso trabalho do Pe. José Stofella css; o "Epistolário del Ven. Servo di Dio D. Gaspare Bertoni", deste mesmo autor; o artigo "Il fondatore degli Oratori Mariani", do Pe. Aleixo de Marchi.

Deixando de parte os demais aspectos da santidade deste grande vulto, ocupar-nos-emos apenas de sua entrega ou doação total nas mãos do Pai. É etusiasmante saber que temos EM CASA um mestre acabado de perfeição cristã.

Esta 2ª edição traz alguns acréscimos, um capítulo sobre a doação missionária e pequena modificação nos capítulos do "Abandono... forma perfeita de amor" e "O santo abandono torna mais ativo".

Campinas, janeiro de 1983.

Pe. Mário Zuchetto css

Com aprovação do Superior Provincial

Pe. Moacir José Vitti

Campinas, 23/01/83.

O Autor:

Pe. Mário Zuchetto é sacerdote da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, Província Santa Cruz, Brasil. Nasceu em Casa Branca (SP), em 16/01/1918 e foi ordenado sacerdote em 04/07/1943.

Durante os primeiros anos de sua vida sacerdotal exerceu funções de vigário paroquial, formador, professor e superior de seminário. No período de 1958 a 1964 foi Superior Provincial. A partir daí foi novamente superior de seminário e depois passou a dedicar-se à pregação de retiros espirituais, cursilhos de Cristandade, encontros de casais e direção de estudos bíblicos, juntamente com as funções de Vigário Paroquial.

É autor de vários livros e trabalhos sobre a Espiritualidade de São Gaspar Bertoni, fundador da Congregação dos Sagrados Estigmas, e sobre a Doutrina Católica.

ÍNDICE

Característica espiritual	5
Dependência do ser	6
Da dependência à glorificação de Deus	9
Deus - infinita comunicação	10
Presença ativa de Deus	13
A infância espiritual	13
Temor reverencial	15
Pobreza afetiva e efetiva	16
Desprendimento e confiança	20
Obediência, a grande renúncia	21
Abandono em Deus: forma perfeita de amor	23
O santo abandono torna mais ativo	25
O fundador dos Oratórios Marianos	28
Espírito de abandono na fundação da Congregação	30
Doação Missionária	32
Doença e abandono em Deus	34

Abreviaturas

- MSA: "Un Modello di Santo Abbandono"
do Pe. Nello Dalle Vedove
- PVC: "Pagine di Vita Cristiana"
do Pe. José Stofella
- CN: Carta a Leopoldina Naudet em
"Epistolario del Ven. Servo di Dio D.
Gaspere Bertoni" do Pe. José Stofella
- CB: Carta ao Pe. Luís Bragato, do
"Epistolario"

CARACTERÍSTICA ESPIRITUAL

Gostamos de conhecer nas pessoas de nossa admiração, o que mais nelas se avanta ao comum dos mortais.

O conceito de santidade de que gozava o beato Gaspar era geral, mesmo durante a vida. Todos que o conheceram, tinham a convicção de verem nele um modelo acabado das mais eminentes virtudes. A opinião corrente dos seus admiradores e dos continuadores de suas obras, apontava como sua virtude principal a humildade.

De fato, por ser um homem de excepcional cultura nas ciências humanas e sagradas, um homem de inteligência viva e penetrante; exímio pregador da Palavra de Deus no púlpito, em retiros do clero e em missões populares; esclarecido diretor de consciências; "anjo do conselho", "oráculo de Deus" (MSA pág. 224) consultado por um sem número de pessoas também de alta categoria, como os imperadores Francisco I e Fernando I da Áustria, militares, políticos, juristas, prelados... eram suas habituais expressões: "lembro-me de ter lido num bom autor", "ouvi uma pessoa autorizada dizer...", "sei de alguém que, num caso destes agiu assim e assim, com este ou aquele resultado..." Com naturalidade, evitava pôr em evidência o vigor de sua mente diante dos outros, ou mostrar-se mais entendido, mais sábio, mais prudente (embora o fosse). Nunca se prevaleceu de sua incomum inteligência para sobressair, para aparecer ou para qualquer vantagem pessoal. Formava sempre o mais alto conceito dos outros, tendo a todos em grande conta.

Em vários inícios de Institutos Religiosos masculinos e femininos (MSA pág. 224) e em outros empreendimentos do tempo, dava sua inestimável colaboração até o ponto de ver a obra caminhar. Então, jeitosamente sabia retirar-se, sem envolver-se na glória da fundação.

Gostava de recomendar e repetir: "Baixos, baixos, humildes e escondidos", plenamente convicto de que procurar como objetivo a glória pessoal é roubar o que pertence a Deus. Tudo nele era encantadora singeleza, humilde naturalidade. Mas era convicção geral em casa, de que a humildade do Pe. Gaspar passava da conta.

Não é de se admirar, portanto, se a humildade foi vista até pouco tempo como a virtude característica do Beato Gaspar. Todavia, pesquisas recentes e mais profundas nos próprios escritos do fundador, levadas a cabo pelo Pe. Nello Dalle Vedove, demonstram claramente que a espiritualidade bertoniana gira em torno da mais confiante e inteira entrega nas mãos da Providência divina. É o assunto das considerações seguintes.

Descobrir o valor da humildade no Evangelho:

Mt 6,1-6.16-18

Mc 9,35 e 10,43-44

Lc 14,7-11 e 17,7-10

Do Salmo 130:

- Senhor, meu coração não é orgulhoso,
nem arrogante o meu olhar
- não ando à procura de grandezas
nem de coisas maravilhosas demais para mim.
- Não, eu guardo minha alma na paz e no silêncio;
- Minha alma em mim está tranqüila,
qual uma criança no regaço da mãe.
- Alma fiel, põe tua esperança no Senhor,
desde agora e para sempre.

DEPENDÊNCIA DO SER

Antes de tudo, é necessário evitar a ambigüidade nos termos. Quando se usam as palavras "santo abandono" ou "entrega", estamos muito longe de entender um deixar as armas, um alienar-se, uma omissão ou a inação como a entendiam os quietistas. Pelo contrário, é um colocar todas as nossas potencialidades às ordens de quem nos guia, com inteira DISPONIBILIDADE para o que der e vier. É a disposição de Maria: "eis a serva do Senhor, FAÇA-SE EM MIM segundo a tua palavra" (Lc 1 ,38). O servo não põe restrições à vontade do senhor. É a entrega total.

Vamos acompanhar a caminhada de ascensão, que conduziu o beato Gaspar à unificação de sua vontade com a de Deus. Como procedeu? E que é que o teria levado a esta doação total, complexo das demais virtudes?

Ele partiu do CONCEITO DE EXISTÊNCIA COMO CRIATURA. Gostava de penetrar no que Teilhard de Chardin chama de "infinitamente íntimo" a todo ser criado; "superior ao que tenho de mais alto e interior ao que tenho de mais íntimo" (Balduino, bispo de Cantuária); descobrir aí sua radical e perene DEPENDÊNCIA e experimentar a absoluta e apaixonante NECESSIDADE DE DEUS, fonte do ser com toda a sua grandeza e com todo o bem que o constituem. Vinha-lhe sempre aos lábios um pensamento todo seu: "No fundo do próprio eu se encontra Deus". Pensamento mais profundo que o de Metastásio: "Se queres ver a Deus em tudo há de buscar. Concentra em ti o olhar, encontrar-Lo-ás contigo". E escrevia: "Volte a Deus o que é de Deus, de nosso não ficará mais do que o nada!" (MSA pág. 16, nota 2). Entende-se aqui o "nada" e a "dependência do ser" em sentido místico e não filosófico.

Dentro destes princípios, não cabe o orgulho ou a auto-suficiência. Daí brotam espontaneamente: a humildade, julgada nele excessiva; a amizade com confiança inabalável; o senso da filiação divina com o temor reverencial: - o espírito de desprendimento dos bens transitórios com a pronta renúncia até do próprio modo de pensar e de querer (renúncia de si mesmo) diante da verdade que se manifesta; - a disposição de obedecer; - a entrega incondicional. Daí brota espontâneo todo o relacionamento de culto; a comunicação informal de oração; o louvor; o culto de adoração devido só a Deus; o culto como Pai, mais excelente que o culto como

Criador. Daí a compreensão que o chamamento à união mística é caminho aberto a toda criatura racional e não um privilégio de classe; a compreensão de que "Deus é amor" (1Jo 4, 8 e 16) e de que a lei suprema do homem, da qual depende o equilíbrio de sua personalidade é o amor.

Analisando o conceito de criatura, refletia o Beato Gaspar que "em nós não encontramos a razão da existência" (MSA pág. 17). Se existimos, nada fizemos para merecê-lo: é um dom indevido. E vem, naturalmente a conclusão: é impossível solvermos essa DÍVIDA ETERNA. Encontramos em seu diário espiritual: "Na oração e fora dela, conhecimento muito vivo da imensa dívida que nos prende a Deus a título de criação e de redenção" (MSA pág. 53).

Todo o dom supõe um doador. Mas no nosso caso, o Doador apresenta uma característica todo própria, bem específica. E que o ser criado exige a todo instante a intervenção criativa para se manter existente: "Este dom do ser, que se pode chamar o principal de todos os benefícios divinos, não penseis tê-lo recebido de uma só vez criando; foi-nos renovado a toda hora com a sua conservação" (PVC pág. 129). S. Paulo o confirma: "Todas as coisas SUBSISTEM NELE" (CI 1, 17). Portanto, vivemos nos braços do Criador numa radical dependência existencial (At. 17,28).

E para agirmos? "Nosso intelecto nunca teria podido conduzir-nos ao ato de pensar a mínima coisa, nem a vontade de desejá-la, nem o olho ou o ouvido e todos os outros sentidos representá-la. Assim nunca teríeis podido mover o pé, erguer o braço, guiar a mão, se Ele juntamente convosco não os tivesse movido, erguido, guiado. Tal é a absoluta e necessária dependência, reconhecida também pelos filósofos, que as causas segundas têm da primeira, para produzir mesmo suas próprias e naturais operações" (PVC pág. 132). O dom do ser e do operar é inteiramente gratuito. "É Deus quem realiza em vós o querer e o executar, segundo o seu beneplácito" (FI 2, 13). Não há mérito nosso para tanto. Na concessão de benefício tão portentoso ao homem a única consulta que Deus fez, foi ao seu coração de Pai.

Tudo isto na ordem natural. E na sobrenatural?

A existência é para nós e para Deus apenas o ponto de partida. "O fundamento de todos os bens é sem dúvida o ser" (PVC pág. 129). No plano traçado por Deus não admiramos somente o dom já inestimável de existir e de operar na linha das faculdades naturais. Há outro dom superior à simples natureza: o chamado do homem a participar da vida íntima da Trindade. É a suprema vocação nossa. O convite a nos superarmos, vivendo a condição de FILHOS DE DEUS e procurando ser sempre mais sua imagem e semelhança. É a ordem da GRAÇA, na qual também toda a iniciativa cabe a Deus; ao homem, a correspondência com reconhecimento, pois "ninguém pode vir a mim, se o Pai. que me enviou, não o atrair" (Jo 6, 44) e "ninguém pode ir ao Pai senão por meio de mim" (Jo 14,6); "quem permanecer em mim e eu nele, (só) esse dá muito fruto, porque sem mim NADA podeis fazer" de bom (Jo 15,5).

Volta de novo o pensamento que tudo devemos fazer em espírito de humildade. Depois de termos dado o melhor de nós mesmos, convém reconhecer a nossa insuficiência de raiz. Quando Deus nos concede um prêmio ainda aqui neste mundo, ele está coroadando seus próprios dons concedidos à criatura. "Não há como se ensoberbecer: todo bem que temos, recebemo-lo do nosso Autor. Se somos

castigados, é por aquilo que nós próprios fizemos em nós. Se somos coroados, é por aquilo que ele fez em nós" (S. Agost. sobre o SI 99. n. 15). A oração sobre as oferendas, da 4ª feira após o primeiro domingo da quaresma nos faz dizer: "Nós vos ofertamos, ó Deus, estes dons que nos destes para oferecer-vos".

Conclui-se que a grandeza e perfeição das criaturas medem-se não na proporção de sua autonomia diante do Criador, mas pelo grau de dependência amorosa dele e pela maior ou menor participação de sua bondade. Não há geração mais perfeita do que a criação. Somos mais filhos de Quem nos criou do que daqueles que nos geraram. Cada vez que o filho levanta a mente e o coração ao Pai, entra no movimento da atividade criadora original. Como a lâmpada elétrica que ilumina porque em contato com a fonte propulsora de energia.

E se considerarmos o dom da fé, do batismo, dos carismas, dos conselhos evangélicos, do sacerdócio? Tudo é gratuito. Tudo nos vem por concessão: "não fostes vós que me escolhestes, mas eu é que vos escolhi... para que produzais fruto" (Jo 15,16). São Paulo reconhecia: "o que sou, o sou pela graça de Deus" (1Cor 15, 10).

Naturalmente, quando se diz criar do nada, entende-se nada de mérito, nada de disposição anterior, nada de matéria preexistente. Não viemos do nada. O homem é um pensamento divino concebido por Deus desde toda a eternidade. Cada um de nós é uma idéia divina concretizada no tempo.

Cl 1, 15-20

Salmo 8:

Senhor nosso Deus, a tua presença irrompe por toda a terra. O universo inteiro canta a tua glória.

- Na candura das crianças se revela a tua força, pois diante delas se desarmam até os mais violentos.

- Senhor, quando me extasio a olhar o céu estrelado, quando contemplo as noites de luar, e penso que foste tu seu criador, eu me pergunto:

- "Que valor imenso deve ter o homem, para estar sempre na tua lembrança, e ser tratado com tanto carinho".

- Tu o estabeleceste no universo como se fosse um deus, de honra e de glória o coroaste.

- Fizeste dele o senhor da tua criação, tudo colocaste sob seu domínio:

- os animais do campo, mesmo os mais ferozes, os pássaros do céu e os peixes do mar,

- tudo, até as forças e mistérios mais profundos da natureza, as criaturas todas.

- Senhor nosso Deus, a tua presença irrompe por toda a terra.

DA DEPENDÊNCIA À GLORIFICAÇÃO DE DEUS

A ação amorosa de Deus não se limita a criar e conservar. Pela sua providência ele governa, quer dizer, conduz todas as coisas a que sejam o que são, segundo o seu fim próprio, quando não se lhes opõe a vontade livre do homem.

O fim último das criaturas inanimadas é a MANIFESTAÇÃO DOS ATRIBUTOS DE DEUS. O que constitui a glória objetiva. É que as criaturas revelam-se como uma participação inconsciente das perfeições infinitas de Deus; vale dizer, as criaturas não teriam razão de serem isoladas do homem. Os céus, como sinfonia maravilhosa de beleza e de ordem, narram-nos a glória do Senhor. O homem é convidado a entrar CONSCIENTEMENTE neste concerto cósmico, louvando e bendizendo o Criador. É a glória formal. Fruto do conhecimento, do amor e da vontade livre. Para o beato Gaspar "nossa santidade consiste em referir todas as coisas e nós mesmos a Deus" (MSA pág. 22). O que há de mais corrente nos salmos é o convite ao homem de glorificar a Deus por tudo que somos, temos e vemos.

O homem, descobrindo Deus como a PLENITUDE DO SER e fonte de onde procede o seu ser, sente-se impelido pelo impulso natural do amor a responder ao gesto de doação que Deus nos fez tornando-nos participantes de tudo o que era privativo dele. Retribui amor com amor. Glorifica-o devolvendo o que lhe pertence por direito inalienável. Atribuir apenas a si mesmo o bem de que se é capaz, seria roubar o que pertence a Deus. Daqui ser a humildade o sentimento da verdade, o caminho da perfeição e da ascensão do homem. Humildade entendida em sentido bíblico, como consciência das próprias limitações e reconhecimento de que dons, valores e qualidades pessoais, tudo quanto se possui, foi recebido de Deus quais dádivas a serem colocadas a serviço de todos os homens. É saber que quanto mais nos apagamos, maior espaço deixamos a Deus. É saber eclipsar-se diante dos colaboradores. É exercer o apostolado da maneira mais impessoal possível, não se considerando centro, mas elemento de um grande conjunto.

O objetivo supremo das coisas é de tal modo irreversível, que, até o mal, reclamando a intervenção redentora de Deus, contribuirá no seu plano, para manifestar melhor sua justiça e misericórdia. São Paulo o ensina: "Deus faz que tudo coopere para o bem daqueles que o amam" (Rm 8, 28); e S. Agostinho acrescenta "até os pecados".

Mais. Quem ama a Deus, não descansará enquanto não levar seus semelhantes ao conhecimento e amor desse Pai. Assim nasce o ZELO pela glória de Deus, chama de todo o apostolado. Ardor particularmente indispensável a quem recebeu o convite de seguir a Cristo mais de perto, quer na vida sacerdotal, quer na vida religiosa, quer mesmo na do leigo chamado a algum empreendimento apostólico especial. Ainda. Quem ama a Deus, não despreza, não perde, mas acolhe como grande mercê a menor luz de uma inspiração que o Espírito Divino acenda em nossa mente num convite a um passo avante. São os contínuos e pequenos apelos da graça. Os leves toques da mão do Senhor na porta do coração. Não subestimemos os "pequenos" e "leves", pois, segundo o beato Gaspar, "nas coisas de Deus TUDO É GRANDE" (MSA pág. 29). Sim, nada é pequeno onde o

amor é grande. Quer dizer que, segundo Deus, para ser grande, não é preciso fazer grandes coisas; basta fazer com grande amor as pequenas coisas do dia a dia.

Lc 1, 39-50 e 56 com atenção no louvor.

Salmo 150:

- louvai o Senhor em seu santuário.
Louvai-o em seu majestoso firmamento.
- Louvai-o por suas obras maravilhosas
Louvai-o por sua majestade infinita
- Louvai-o ao som da trombeta,
louvai-o com a lira e a cítara.
- Louvai-o com tímpanos e danças,
louvai-o com a harpa e a flauta.
- Louvai-o com címbalos sonoros,
louvai-o com címbalos retumbantes.
- Tudo o que respira louve o Senhor.

Ainda, salmos 19 e 103 e 104.

DEUS - INFINITA COMUNICAÇÃO

Apesar de feitos à imagem e semelhança de Deus, há uma desproporção incomensurável entre nossas faculdades limitadas e as do Criador. Mas em compensação o amor do Pai nos criou, diz-nos o beato Gaspar, com "a maravilhosa capacidade de sermos PERFECTÍVEIS sem um limite determinado" (PVC pág. 170). Então, Deus não aceita que nós, seres suscetíveis de sempre maior perfeição, ponhamos limites ao processo de aperfeiçoamento desencadeado no ato criador. Cada ser é um dom para os outros seres. O mineral renuncia a si mesmo e sobe na linha do ser, quando é sugado pelo vegetal. O vegetal quando é consumido pelo animal. O animal, quando é utilizado pelo homem. E o homem, quando serve a Deus por amor, sem deixar de ser o que é. Lei natural da renúncia, lei da ascensão. Lei do próprio Deus. Ouçamos o beato Gaspar: "Deus é sumo bem. Portanto, infinitamente comunicável. Porque, quanto mais perfeito é o bem, tanto mais difusivo de si mesmo" (PVC pág. 170). "Uma suma bondade excessivamente inclinada a comunicar-se, não pode sentir maior tendência do que para uma criatura em extremo necessitada de todos os bens", quais somos nós. (PVC pág. 228). Felizes de nós: quanto maior a carência, tanto mais capacidade de receber.

Neste seu impulso natural e infinito desejo de comunicar suas perfeições para conduzir a criatura a um incontido crescimento interior do ser, o que Deus quer é apenas o reconhecimento profundo de que necessitamos dele, ou VAZIOS PARA

ENCHER. Tornamo-nos tanto mais capazes de receber, quanto mais vazios de bens passageiros e vazios do nosso orgulho nos apresentarmos. Lembremos a insistência do beato Gaspar: "no fundo do próprio eu se encontra Deus". Quanto maior a miséria, tanto maior a motivação para Deus intervir com as mais abundantes efusões da graça, que não é senão o próprio Deus se comunicando. "É na fraqueza que se revela totalmente a minha força" (2Cor 12, 9-10). Os extremos se tocam. Um abismo chama outro.

Assim se estabelece o relacionamento de AMIZADE, tanto mais profunda quanto mais se descobrem em si mesmo e no mundo exterior as riquezas de Deus generosamente comunicadas. Pois a amizade supõe uma comunhão de bens.

Também da amizade nasce o LOUVOR: exprime o sentimento de admiração pela magnificência de Deus e de sua obra. Esta amizade gera a confiança como de um menino que tudo recebe dos pais e que só neles tem segurança. Passa-se a ver Deus como o TUDO e a nós como o necessitado-de-tudo que Deus ama.

Aqui se percebe a grande diferença entre nosso amor e o de Deus. Usando palavras do beato Gaspar: "Nosso amor é causado pelo bem que encontramos no objeto amado. Por isso, só amamos o bem que existe em alguém. Ao passo que o amor de Deus não é movido pelo bem que houvesse em nós. Deus ama também as coisas que não são, para que sejam. Ama os seres deformados pelas culpas, para embelezá-los e reformá-los com sua graça" (PVC pág. 230). Assim é que a história do amor de Deus se reveste de um fascínio indescritível: Deus cria porque ama; conserva porque ama; redime porque ama; governa porque ama, apesar do tecido de ingratidões em que envolvemos tanto amor.

O amor pode ser interessado (conhecido como de concupiscência) ou será de benevolência. O primeiro ama porque recebe algo em troca. É utilitarista. Volta a si mesmo. O segundo ama sem condições. Sem esperar nada em troca. Não volta sobre si. Pretende os interesses só do outro. Ama como por instinto. Por ser bom. É o amor de Deus. O proveito é só do homem. Deus se reserva apenas o prazer de ter feito bem ao homem. Este pode proporcionar o maior prazer a Deus deixando-se beneficiar o mais possível. Era natural ao beato Gaspar o pensamento de S. Inácio: "Pouquíssimos entendem o que Deus faria deles se não fosse por eles mesmos impedido de executar seus desígnios" (MSA pág. 36). O maior obstáculo ao nosso crescimento espiritual, somos nós mesmos, quando contrariamos a ação do Espírito Santo em nós. Cristo o expressou em amarga queixa: "Os fariseus e os legistas, recusando o batismo de João, frustraram o desígnio de Deus para si próprios" (Lc 7,30). Basta ao homem deixar-se conduzir, sem criar obstáculos; caminhar no sentido do amor perfeito: amar sem sombra de interesse próprio.

Aliás, o único prazer do puro amor de Deus é a correspondência de sua criatura. E grande recompensa da criatura representa o descobrir, amar e alegrar-se que Deus seja tão perfeito e santo, porque isto já torna participante de sua mesma felicidade.

Feita esta descoberta, o homem passa a aceitar a vontade de Deus como sempre santa e amável. ENTREGA-SE a ela mesmo quando contrarie os nossos cálculos e interesses. Ainda quando perdemos o gosto pelo trabalho ou pela oração, vivendo na aridez, do deserto ou na noite do espírito. Pregava o beato Gaspar: "Muitíssimos seguem a Cristo por vantagem temporal. São mercenários. Chegam até a porta, recebem a paga, mas não entram em casa (Mt 6, 16 já receberam sua

recompensa). Muitos seguem a Cristo como criados. Mais temem que amam. Entram em casa, mas permanecem num nível inferior: Não participam dos segredos de seu patrão (Jo 15, 15 o servo não sabe o que seu amo faz). Alguns seguem a Cristo como filhos mais ou menos interessados: são mais amados do que amam. Chegam a não ouvir o pai, se, contra o gênio deles, mandar coisas razoáveis e úteis, mas difíceis e árduas (Is 1, 2 os filhos revoltaram-se contra mim)). Poucos seguem a Cristo como amigos que fundam a amizade na mútua comunicação de bens. No momento em que cessa a influência dos bens e se substitui pela amarga participação nos males do amigo, abandonando-o sem mais (Mt 26, 56 todos os discípulos abandonando-o fugiram). Pouquíssimos seguem a Cristo onde quer que ele vá, sobre o Tabor ou sobre o Calvário. É só a Esposa, adulta na escola do amor, que, não levada pelo odor dos unguentos (das consolações externas), mas pela destra do Esposo, a ele se agarra fortemente, e apoiada em sua fortaleza, o segue passo a passo (Ct 8, 5)" (MSA pág. 41). Chegada a este ponto, a criatura caminha ao inteiro sabor do Espírito e cumpre a vontade do Pai como se estivesse cuidando de interesses pessoais.

Lc 1, 39-44 com atenção à comunicação de bens.
2Cor 12,7-10

Do Salmo 33:

- Provai e vede como o Senhor é bom
Feliz de quem nele encontra o seu refúgio.
- Santos do Senhor, adorai-o,
pois nada falta àqueles que o temem.
- Ricos empobrecem, passam fome.
nenhum bem falta aos que buscam a Deus.

Do Salmo 36:

- Deus não abandona seus amigos,
pois o Senhor ama a justiça.
- A salvação dos justos vem do Senhor:
elo os protege no tempo da angústia;
- o Senhor os ajuda e liberta
e os salvará se nele se abrigam.

Trabalho: examinar-se sobre o perigo de acomodamento ou falta de generosidade na doação total a Deus.

PRESENÇA ATIVA DE DEUS

O beato Gaspar queria que seus seguidores fossem MONGES em casa, pela vida interior, e, APÓSTOLOS fora, difundindo as riquezas acumuladas no trato íntimo com Deus. Reconhecendo o supremo domínio de Deus sobre todos os seres e tendo perfeita consciência de sua presença, tornava-se natural nele submeter-se-lhe amorosamente e tributar-lhe o que lhe é devido por direito natural, ciente de nunca chegar a fazê-lo no grau que conviria a Deus.

Era ininterrupto nele o sentimento da presença ativa de Deus, que não cessou de agir após a criação: "Meu Pai trabalha sempre e eu também trabalho" (Jo 5, 17). Vivia em atitude de respeito, amor e adoração constantes. Deixar-se levar só pelo instinto, teria sido para ele uma desvinculação dolosa, uma infidelidade, um subtrair-se a Deus: "agir puramente por instinto natural, mesmo por um instante, é impedir a ação de Deus para dar lugar à ação da criatura" (MSA pág. 48).

Longe de diminuir-se, o homem dócil às moções do Espírito Santo supera-se a si mesmo e passa a ser o homem pensado por Deus. "Andar na presença de Cristo é fazer o que sabemos ser do seu agrado e modelar a própria vida na daquele que, mediante a humanidade assumida, veio recompor a imagem dos eleitos" (MSA pág. 48, nota). Daqui a atitude de respeito e adoração que lhe eram habituais na reza do Ofício Divino, hoje Oração do Tempo Presente, bem como em todas as cerimônias litúrgicas, a ponto de contagiar de fervor aos outros. Daqui também o hábito adquirido de, na sua pessoa e em seu redor, ver e ouvir Deus nas mínimas coisas ou acontecimentos. Por isso, durante muitos anos, nunca andou de chapéu ou gorrinho na cabeça. Para ele o universo compunha o grande templo de oração.

A necessidade da oração resulta da tomada de consciência da própria insuficiência de conseguir o que se deseja e da possibilidade de o obtermos com a ajuda do Pai. É um gesto de humildade, de fé e de confiança naquele que nos ama. "Suplicando, mostramos ter Deus na conta do que ele é na realidade: a fonte de todo bem" (MSA pág. 50 nota). É um exercício de amor e de equilíbrio.

A INFÂNCIA ESPIRITUAL

Quem ama não se conforma com permanecer no âmbito dos mandamentos. Necessita crescer no trato íntimo, viver na presença contínua, chegar à comunhão perfeita do ser, com a disposição de associar-se mesmo às penas e desprezos. Até levar uma vida caracterizada pela mais confiante entrega nas mãos de Quem concentra em si todos os títulos da mais amorosa paternidade. Os títulos de criação e de redenção fazem a paternidade divina superar toda outra paternidade. Diante de Deus descoberto como Pai, no mais amplo e profundo sentido da palavra, nos sentimos forçosamente crianças, em condições de viver o espírito do Evangelho: "Se não vos tornardes como as crianças, não entrareis no reino dos céus" (Mt 18,3). "É preciso corresponder com a Providência de Deus e com os cuidados maternos da

Igreja com SIMPLICIDADE DE CRIANÇAS" (MSA pág. 54). "Meninos na inocência, pequeninos na humildade, crianças no silêncio, ternos na caridade" (ibidem).

A vida de infância espiritual leva o homem à ALEGRIA contagiante de um RELACIONAMENTO INFORMAL e o mais espontâneo possível com Deus. Desenvolve o senso da FILIAÇÃO DIVINA, que resume toda a grandeza da VOCAÇÃO HUMANA. É um dom do Espírito Santo, que o beato Gaspar desenvolveu a vida inteira, até atingir sua mais alta expressão. "Ó admiráveis segredos do amor divino! Ó profundos abismos de sua Caridade! Quando será que nos veremos naufragos e abandonados neste mar imenso, a ponto de não mais vermos as praias desta nossa miséria terrena!" (CN nº 3). "Feliz de quem se perde neste abismo, de quem se lança confiante e naufrago neste oceano. A criança nunca se acha tão segura como quando, adormecida no colo da mãe, abandona qualquer preocupação ou cuidado de si mesma. Ela não vê, não ouve, não fala. Mas por ela vê, ouve, fala e age a mãe, que, tendo-a tão aconchegada, sabe e pode acordá-la toda vez que desejar" (CN 38).

O espírito de infância torna fácil e ESPONTÂNEA A ORAÇÃO, natural a PRESENÇA e a íntima UNIÃO com Deus. O beato Gaspar inculcava-o, sobretudo aos sacerdotes, mestres natos de oração e familiares mais íntimos de Deus. "Um sacerdote deve avantajarse tanto na inteira doação e familiaridade com Deus, que possa ter confiança a ponto de dobrá-lo à vontade" (CB 23/08/1840), como Abraão, Moisés, Elias e outros.

Muito mais porque o sacerdote, sem a dependência de um pai terreno como Jesus no templo deve ocupar-se unicamente dos interesses de Deus-Pai e viver de maneira mais sentida a filiação divina.

Entende-se talvez o particular relevo que nosso fundador imprime à espiritualidade da filiação divina, por ter sentido na carne a falta da presença paterna em seu lar, com aquele pai todo voltado para os negócios temporais, vivendo irregularmente e morando na roça enquanto mãe e filho continuavam na cidade. À morte da mãe, o jovem padre Gaspar preferiu abandonar a casa paterna a viver com o pai. Foi-lhe uma hora triste na vida, mas decisiva no processo de aperfeiçoamento interior desse homem de Deus: marcou a linha de sua entrega definitiva nas mãos da Divina Providência. Agora podia dizer com mais propriedade, como Francisco de Assis: "Pai nosso que estais nos céus".

Escritura:

Mt 18,1-4
Gn 18,16-23
Ex 32,31-32
1Re 18, 41-46

Do Salmo 15:

Vivo sempre na presença do Senhor;
se ele está ao meu lado, não vacilarei
Eis porque meu coração exulta.

Do Salmo 120:

- O Senhor é teu guardião,
a sombra que te protege;
o Senhor está sempre ao teu lado.

- O Senhor te resguardará de todo mal;
ele velará sobre a tua vida.
- O Senhor guardará todos os teus passos,
agora e para sempre.

TEMOR REVERENCIAL

Não seria uma contradição com o espírito de inteira confiança? É concebível um filho temer o pai? Que terá de positivo esse temor? Busquemos-lhe o verdadeiro sentido.

Excluimos o temor servil. O medo que o escravo sente do feitor. O medo de um patrão severo, castigador; de um juiz frio. Mesmo assim, tem sua utilidade no início da caminhada para Deus.

Aqui tratamos do temor reverencial ou FILIAL. Sem ele, o edifício espiritual está fadado ao fracasso: "Se não te firmares bem no temor de Deus em todo instante (Eclo 1, 28), depressa ruirá a tua casa, construída embora com jejuns e mortificações. Cairá, embora tivesse os fundamentos nos montes da santidade mais perfeita" (PVC pág. 158). É filial o temor quando não cometemos uma falta pelo receio de que ela nos SEPARE de Deus ou simplesmente não pecamos para não DESGOSTAR um Pai amado. É um grande dom do Espírito Santo, princípio de sabedoria (Eclo 1, 16). Quem ama, teme perder o bem amado. Quem ama, receia ofender a pessoa querida.

O dom do temor filial de Deus tem como corolários:

- 1) a sujeição amorosa a Deus, reconhecendo nossa dependência dele e nossos limites naturais;
- 2) a fuga de toda ofensa e de toda presunção de se preferir a Deus ou de se equiparar a ele (orgulho).

O homem penetra em sua limitação, em sua inconstância e fragilidade, não para se apoucar, inibir, mas como na plataforma de seu lançamento para a grandeza de Deus e para colocar tudo que recebeu à disposição da onipotência divina. Saindo de si, deixando-se, precipita-se em Deus. Este sentimento, radicando-se sempre mais profundamente no coração, impele o homem a crescer na entrega de sua fraqueza nas mãos do infinito poder de Deus, abandonando-se inteiramente a ele. Experiente das oscilações de sua vontade, põe toda a sua confiança no auxílio divino, imutável. De resto, o único recurso de que dispomos contra a fraqueza de nossa vontade na superação dos atrativos do pecado, é a entrega dócil aos apelos amorosos da graça. Aliás, é a melhor disposição que nos dá direito a

esperar tudo dele. Assim, o dom do temor filial é o remédio do Espírito Santo às nossas limitações congênitas.

Mas, o santo temor de Deus não seria um entrave à coragem do apóstolo? Ao homem de ação?

Uma das causas que mais detêm o homem em seus inícios corajosos, em seus empreendimentos ou impulsos para o apostolado é sem dúvida a dúvida, o receio, o medo humano. Ouçamos os conselhos do beato Gaspar. "Quando não vês com clareza e te achas no meio de temores, não os deves seguir... abandona-te totalmente em Deus" (CN 25). "Quando teu ânimo confia em Deus, não temas. Só deves ter medo de temer" (CN 42). Ele não admitia que as trepidações subjugassem a mente com prejuízo para a esperança que impulsiona avante. Antes, exigia nessas circunstâncias um aumento da confiança amorosa em Deus. Sempre pelo princípio de que Deus intervém, quando ponho diante dele minha insuficiência (2Cor 12,10).

Escritura:

Sirac (Eclo) 1, 11-29 e 2,7-18

POBREZA AFETIVA E EFETIVA

O beato Gaspar desenvolveu uma espiritualidade caracterizada pelo mais confiante abandono nas mãos de Deus como de um menino nos braços do pai. Essa entrega total vai produzindo necessariamente o desapego evangélico dos bens passageiros (: a pobreza interior), até a completa aceitação quer do ter, quer do não ter; até mesmo a pronta renúncia dos bens existenciais, como o da vontade própria, diante da manifestação da vontade de Deus.

Chamava "a grande sabedoria do cristão" e "vida verdadeiramente segundo a razão" os seguintes princípios que ele assumiu dos Exercícios de S. Inácio: "As coisas sobre a terra são criadas para o homem e para que o ajudem a conseguir o fim pelo qual foi criado. Donde se segue que o homem deverá usá-las tanto quanto o ajudem no sentido de seu fim; e deve desfazer-se delas, na medida em que o impeçam de atingi-lo. Importa, por conseguinte, tornarmos desapegados de todas as coisas criadas..." (MSA pág. 84). O "desapego" ou "DESPRENDIMENTO" evangélico, não significa frieza, desvalorização, desprezo dos bens terrenos, mas algo de muito positivo. O cristão valoriza, aprecia e estima devidamente os grandes bens da criação como dádivas do amor do Pai para o nosso bem-estar. Sabe utilizar-se delas com equilíbrio, hierarquizando-lhes o valor, nunca os vendo como fins e sim como meios; nunca os antepondo aos valores superiores da vida. Sem dúvida, um dos mais comuns e mais fortes obstáculos para o Reino de Deus, vem a ser o apego DESORDENADO aos bens da terra. Os próprios sacerdotes lhe estão sujeitos. Ficou célebre o sermão pronunciado pelo beato Gaspar ao clero sobre a "AVAREZA", no qual verberou com coragem apostólica os "mercenários evangélicos".

Também os religiosos, depois de renunciarem a bens maiores, podem apegar-se a ninharias, como Judas. Resultam daí as contínuas traições ao espírito de pobreza evangélica que devem TESTEMUNHAR e o descrédito da Palavra de que são arautos. O amor ao dinheiro com o conseqüente mau exemplo aos fiéis, decadência dos costumes do clero, relaxamento nos interesses de Deus e na espiritualidade era tão comum no tempo, que o beato Gaspar se pôs à frente de um movimento no qual assumiam os compromissos de viver em estrita pobreza e prestar GRATUITAMENTE todos os ministérios sagrados. Este espírito ele o levou até o fim da vida e neste espírito é que ele lançou as raízes da Congregação Estigmatina.

Tal movimento renovador foi motivado pela convicção de que não pode existir verdadeiro apóstolo sem viver a pobreza EFETIVA e não só a de desejos ou AFETIVA. Ele sentia os maiores atrativos pela pobreza em vista das lições práticas de renúncia deixadas por Jesus em todas as fases de sua vida. E a imitação de Cristo deu eficácia rara ao seu apostolado.

Eis o propósito que firma diante de Cristo, ao concluir uma meditação sobre seu Reino: "É minha resolução decisiva seguir-te o quanto mais possível de perto e imitar-te em suportar toda injúria, todo desprezo e toda pobreza real ou espiritual" (MSA pág. 88). Pobreza espiritual entende-se o desapego. O apelo do Espírito Santo para que este homem de Deus fosse um grande imitador da pobreza de Cristo, percebe-se particularmente forte, conforme ele mesmo anotou após outra meditação ainda sobre o Reino de Cristo: "Forte impulso a seguir de perto Nosso Senhor na pobreza e no desprezo, à custa da vida" (MSA pág. 88). E estes anseios não são desejos estéreis ou de momento. Vão se avolumando no coração daquele que devia subir bem depressa e por muito tempo o Calvário da dor. Deixou em seu diário como fruto de experiências duras: "Alegria nas adversidades e nas conseqüências da pobreza REAL com agradecimento ao Senhor e com disposição de sofrer, se Deus me achar digno. Desejo de imitar Jesus Cristo na pobreza e nas angústias da pobreza" (MSA pág. 89). Seguir a Cristo é o fim. A condição é a renúncia. Pretender o fim sem os meios, é ilusão. Está na base do Evangelho: "quem não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo" (Lc 14,33). Essa disposição é tão fundamental, que, segundo o beato Gaspar "a renúncia representa o gasto e o material necessários para edificar a torre" da nossa perfeição (MSA pág. 90, Lc 14, 28). Na fundação da Congregação, sua principal preocupação foi premunir-se do capital que lhe garantisse a subsistência pelo futuro afora: "Para começar a obra, O CAPITAL NECESSÁRIO É A POBREZA; depois, as outras virtudes" (MSA pág. 90, nota). A renúncia parte de uma certeza: Deus é dono; ele providenciará a tudo de que necessitamos e que não temos condições de prover com nossas mãos. O segredo é confiar e colocar-se nas mãos da Providência.

Examinador dos candidatos ao sacerdócio, via nesta disposição um sinal inequívoco de vocação ao seguimento mais completo de Cristo: "renunciar ao aconchego familiar e aos bens é ter o necessário para fabricar a torre" (MSA pág. 90).

Aliás, a pobreza espiritual ou desapego é obrigação de todo cristão. A riqueza condenada pelo Evangelho é o apego desordenado aos bens do mundo: constitui-se em impedimento de direito divino (portanto, inviolável) para se pertencer ao Reino que Cristo fundou na terra. Mas a pobreza real é deixada à liberdade de cada um,

por ser um carisma. Num tempo como o nosso, quando urge a necessidade de uma opção preferencial pelos mais pobres, quem tem medo da pobreza real nunca será um seguidor incondicional de Cristo, porque dentro de si mesmo, ao menos secretamente, alimenta para com os bens da terra um afeto embaraçoso à perfeição evangélica.

Dos sacerdotes o beato Gaspar exige uma santidade superior à dos simples religiosos. "O religioso satisfaz à sua vocação" (de dominar as três tendências maiores da natureza: bens da riqueza, da vontade livre e da carne, e ser um crucificado para o mundo - tudo incluído nos três votos de pobreza, obediência e castidade) "aspirando, tendendo a esta santidade. Mas o sacerdote não satisfaz senão tendo atingido de fato essa perfeição e santidade" (MSA pág. 92). Ele não concebia um padre rico. Via-o apenas como um contra testemunho do ideal evangélico de renúncia total.

Imbuído desse espírito é que ele estabeleceu para si e seus seguidores a norma de prestarem quaisquer ministérios sacerdotais de todo gratuitamente. Recusariam mesmo as ofertas espontâneas que se lhes fizessem como recompensa pelo trabalho desenvolvido. Viviam das rendas suficientes da chácara de Sezano, patrimônio familiar.

Se as conjunturas dos tempos e dos lugares tornaram impraticável para nós, os continuadores da obra, esta medida corajosa, vemos por um lado como esse homem carismático antecipou de muito o movimento moderno de pastoral que visa a eliminar completamente qualquer tipo de contribuição em dinheiro na administração dos sacramentos e sacramentais. Por outro lado, fica sempre na retaguarda do espírito estigmatino o modelo ideal do mais completo desinteresse a inspirar nossos trabalhos apostólicos, à imitação do Senhor. Assim, enquanto viveu o fundador, a pregação de missões populares, de retiros espirituais, e ajuda prestada continuamente a outras paróquias e oratórios marianos, eram absolutamente gratuitos. Gratuito o ensino que professores estigmatinos ministravam no Seminário Diocesano nas cadeiras de Moral e de História da Igreja. Gratuito deveria ser, se o ministro Metternich não se opusesse terminantemente, o ofício de confessor na corte de Viena, prestado pelo Pe. Bragato. Este, segundo orientações recebidas do fundador, recebia então o estipêndio para dá-lo em esmolas. E todas as ofertas espontâneas da piedosa imperatriz de Viena, Ana Maria, foram jeitosamente recusadas, mesmo a importância normal correspondente a cem missas, que foram celebradas sem nenhuma esportula.

Na Igreja dos Estigmas foram abolidos os cofres destinados às ofertas livres dos fiéis e era proibido tirar esmolas durante as celebrações litúrgicas.

Qualquer oferta era decididamente recusada.

Uma bolsa de dinheiro deixada em cima do altar por um piedoso ofertante, que pensou vencer assim a relutância do beato Gaspar, foi devolvido à casa dele. Numa oportunidade, o homem de Deus quebrou sua rigidez após muita insistência e acabou aceitando uma boa importância... com a condição de passá-la imediatamente às mãos de um sacerdote amigo em grande aperto financeiro.

Um rico senhor, não conseguiu que o beato Gaspar recebesse o patrimônio de que o queria constituir herdeiro. Igualmente uma nobre senhora, sua penitente, precisou mudar de idéia para não ser obrigada a mudar de confessor. Assim

também as ofertas do vigário geral da Diocese, da senhora Teresa Gamba e dois legados da senhora Teresa Borghetti.

Mas o fato mais comentado foi o do testamento do nobre Pe. Francisco Cartolari. De tanta estima pelo beato Gaspar e pelo bem que realizava, constituiu-o legalmente herdeiro de sua fortuna, estimada em 750.000 liras. No caso de desistência, a herança passaria a outros três sacerdotes dos Estigmas. Pe. Gaspar, apenas lido o documento, declarou com firmeza: "Para mim, nem um vintém" (MSA pág. 94). E passou o documento à mão dos outros três contemplados, que, um após outro, repetiram a recusa do pai espiritual. A fortuna passou aos parentes do falecido. O fundador, de tanta alegria, reuniu a comunidade na capela doméstica, acendeu velas, dirigiu palavras ardentes de amor à pobreza e entoou o hino "A vós, ó Deus, nosso louvor", em ação de graças pela coragem da renúncia. Vários jornais do tempo publicaram o acontecimento como algo que se acreditava impossível. E o mundo que pouco crê no espírito de pobreza e não entende o valor do desapego à riqueza, profundamente maravilhado recebeu a mensagem que não é difícil de se imaginar: quem rejeita um grande bem desta terra é porque já encontrou um tesouro maior. Não há prova mais convincente de inteira confiança e abandono à Providência divina do que, em situações de tanta necessidade como se achavam então, renunciarem à riqueza fácil e lícita que a sorte lhes oferecia.

Do Salmo 48:

- Por que temer que a maldade me persiga e me cerque nos dias de infortúnio?
- Van gloriem-se os que em sua fortuna confiam e se prevalecem de sua grande riqueza.
- Mas por mais cara que seja uma vida ela há de cessar para sempre.
- Qual o homem que consegue sobreviver sem jamais ver a cova?
- Vemos que os grandes morrem como o ignorante e o insensato deixando para outros sua fortuna.
- Deus, porém me resgatará das mãos da morte e me tomará consigo.

Escritura:

- Mc 6, 8-9
- Mt 18, 7-9
- Mt 19, 16-29
- Mt 13, 44-46
- Hb 10, 34-35.13, 5
- 1Tm 6, 6-10.6, 17-18

DESPRENDIMENTO E CONFIANÇA

Desprendimento não da pessoa que não dá valor a nada. Não do desanimado, do derrotado. Desprendimento de quem é capaz de amar tudo: a natureza, as criaturas, o Criador, haja o que houver. Desprendimento de quem não perde o entusiasmo de viver na saúde ou na doença, na riqueza ou na pobreza, com os meios de comunicação modernos ou sem eles, nas honras ou no esquecimento, na vida longa ou na curta. Desprendimento de quem aceita tudo aquilo de que dispõe, sem lamentar o que está fora do seu alcance. Porque tendo encontrado o sentido da vida segundo a idéia original de Deus, tudo o que acontece e todos os valores terrenos são relativizados, isto é, são apreciados como elementos úteis a nós, na medida em que se tornam instrumentos condutores ao fim supremo da glória de Deus e felicidade do homem. Esse desprendimento não diminui o homem. Antes, coloca-o na verdadeira posição de dominador das coisas criadas (Gn 1, 26 e 28); fá-lo viver acima das contingências e dos bens transitórios, como quem nunca se deixa dominar pela matéria. É um ser livre. Este valor tão raro o encontramos expresso nestas palavras do beato Gaspar: "Em quanta inocência e LIBERDADE DE CORAÇÃO tal disposição me faria viver!" (MSA pág. 97). O homem de coração livre torna-se IMPERTURBÁVEL. Todas as coisas da terra o conduzem para o alto.

O beato Gaspar colheu esta doutrina em S. Inácio, em S. Francisco de Sales e principalmente na Escritura.

Acontece por vezes Deus nos inspirar idéias até generosas, projetos e planos grandiosos que, todavia, não chegamos a concretizar. Mesmo assim, a criatura desprendida de si própria e que entregou totalmente sua sorte nas mãos do Pai, conserva inalterada a tranqüilidade interior. Diante de um fracasso inculpável em nossos anseios, segundo doutrina de S. Gertrudes, "Deus toma o desejo pela realidade". Quer dizer, em termos de mérito, receberemos como se tivéssemos realizado nossos intentos, como se tivéssemos alcançado completo êxito. Assim nunca se perderá o ardor e a alegria de viver.

Após a supressão da Companhia de Jesus, a prefeitura de Verona convidou os Jesuítas em 1836 a voltarem e reassumirem suas atividades no campo da educação. As primeiras tratativas entre o poder público e os padres tiveram tantas dificuldades a superar, que parecia impossível a volta dos grandes mestres da juventude. O beato Gaspar adiantou-se: ofereceu aos jesuítas a casa dos Estigmas, rogando-lhes a aceitassem e continuassem as aulas já iniciadas pelos estigmatinos. Sem ônus algum. Comprometeu-se a garantir o sustento dos padres. Para o noviciado, pôs à inteira disposição deles uma das outras duas casas, à escolha: a dos Desamparados com capacidade imediata de 40 pessoas ou o ex-mosteiro dos beneditinos. Os jesuítas, conhecedores do beato Gaspar e de sua obra, agradeceram e pediram-lhe não abrisse mão do grande bem que vinha desenvolvendo em prol da mocidade e de toda a sociedade veronesa.

A pessoa apegada aos bens da terra ou à vontade própria corre o risco de se afastar da vontade de Deus quando se defronta com algo que contrarie suas inclinações naturais ainda não dominadas. Essencialmente somos satélites. Ou o homem se prende amorosamente ao Bem Supremo, a ele se entrega abandonando-

se em seus braços, disposto a tudo e impondo morte voluntária a si mesmo, à própria vontade quando contrária à de Deus, - ou se prenderá mais aos bens transitórios e então será forçado a uma renúncia inevitável no último dia da vida terrena. Ensina-o o beato Gaspar: "O Espírito Santo diz: felizes os mortos, os que DESDE AGORA MORREM no Senhor, os mortificados e mortos a si próprios, a todo o mundo, às criaturas" (CN 10; Ap 14, 13). A morte natural deixa de ser morte, destruição, separação, quando não se perde senão o que já se deixou" (MSA pág. 101), quando se é obrigado a abandonar só aquilo a que já se renunciou POR AMOR e voluntariamente. Grande sabedoria cristã. Por isso, mil vezes "bem-aventurados os de coração pobre" segundo o Evangelho. A felicidade que o mundo busca nos bens perecíveis, o coração pobre a encontra antecipadamente em Deus. O prêmio desse "pobre" é "o reino dos céus onde o homem consegue a grandeza e abundância dos bens de Deus" (PVC pág. 221). No seguimento de Cristo, ninguém deixa, ninguém renuncia à mínima coisa para perder. Deixa-se para correr mais DESIMPEDIDO, para crescer, para ganhar. E não só a plenitude futura, senão grandes vantagens desde agora, como sejam, a liberdade de coração e maior disposição a uma completa docilidade à ação do Espírito Santo, o mestre interior.

Escritura:

Lc 1, 38: "FAÇA-SE"

Gn 12, 1-9: desinstalar-se

Lc 14, 28-33: saber renunciar a projetos e a tudo.

Do Salmo 124:

- Quem confia no Senhor,
assemelha-se ao monte Sião:
- nada o pode abalar,
pois é firme para sempre.

OBEDIÊNCIA, A GRANDE RENÚNCIA

Outro bem que o homem possui de muito seu e inalienável porque constitutivo do ser humano é a VONTADE LIVRE. Os homens costumam acastelar-se, entrincheirar-se em sua própria vontade como fortaleza inexpugnável e norma de vida. Mas é precisamente a vontade do homem quando não bem orientada que constitui o maior ou o único obstáculo ao crescimento em Deus. Pois é na "perda" de si mesmo que se encontra Deus: "Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la" (Mt 10, 39). "Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo (renuncie-se a si mesmo Lc 9, 25), tome a sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, vai PERDÊ-LA, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai ENCONTRÁ-LA" (Mt 16, 14-25). É o convite ao corajoso grande esvaziamento como capacidade total para se locupletar de Deus. "Quem poupa a sua vida a perde e quem põe em segundo lugar a sua vida

neste mundo, guardá-la-á para a vida eterna" (Jo 12, 25). Exige autodomínio incomum.

É na obediência que se dá esta perda total de si mesmo" (no sentido místico e não filosófico), porque nela se coloca o que temos de mais nosso, a vontade livre, nas mãos de quem nos comanda. Quer dizer que a renúncia na obediência por motivo sobrenatural, torna-se um bem maior que o bom uso da vontade própria: substituímos nossa vontade pela de Deus. O objeto da obediência, portanto, não é a vontade de um homem, mas a vontade divina manifestada através de um homem ou uma vontade humana que Deus assume para a realização de seu plano. Nunca obedecer a um homem, senão a Deus no homem. Por isso a obediência se situa na linha da caridade: une a vontade do homem com a de Deus e as vontades dos homens entre si mesmos.

Não é fácil o conceito de obediência mesmo por motivos sobrenaturais, num tempo em que o mundo proclamou sua emancipação diante dos poderes humanos, religiosos e divinos. O espírito de independência nos vai ganhando sorrateiramente a vontade, embriagado hoje pelo desejo de defender os direitos da pessoa.

Formado no respeito a toda autoridade legitimamente constituída, que só vem de Deus, o beato Gaspar parecia uma criança diante do pai, quando se tratava de seguir a palavra de ordem de quaisquer superiores, mesmo de pessoas inferiores representando uma autoridade. E fundou a Congregação "EM OBSÉQUIO AOS BISPOS" nos trabalhos apostólicos.

Em se tratando de vocação sacerdotal, o sentido de obediência num jovem ou a disposição de estar às ordens de quem tivesse a responsabilidade da coordenação dos trabalhos ministeriais era para ele "o sinal dos sinais ou o selo de todos os testemunhos" (MSA pág. 114). Nessa morte às próprias inclinações da vontade manifesta-se com evidência a vontade de Deus. "Quando uma mente é dócil aos superiores embora contrariando o próprio juízo, então é certamente conduzida pelo Espírito Santo" (ib). Pois esse abandono total nas mãos de Deus, manifestado pelo SIM DA OBEDIÊNCIA, coincide com uma extrema docilidade aos apelos do Espírito. A disponibilidade de Samuel em obedecer a Heli, fê-lo apto às luzes de Deus.

Escritura:

Lc 2, 51: um Deus submisso
1Sm 3, 2-10: disposição de obedecer
Hb 13, 17: obediência alegre

ABANDONO EM DEUS FORMA PERFEITA DE AMOR

Um dos obstáculos comuns que opomos à ação da Providência divina é não sabermos ESPERAR enquanto não se manifesta bem o desígnio de Deus. Frequentemente comprometemos a execução da vontade do Pai com nossa mania de agir intempestivamente. Ouçamos o beato Gaspar: "Um homem de oração enfrenta tudo conforme Deus dispõe em sua Providência. Não antecipa, não

precede. Tudo é ordem, tudo é tranqüilidade. Não é precipitado nem apressado. Espera o tempo, as circunstâncias" (MSA pág. 199). Quem se abandona, sabe esperar o momento oportuno. Essa esperança se funda na certeza de contarmos com uma Onipotência à nossa disposição.

O fundamento racional do inteiro abandono nas mãos de Deus reside no conceito de criação, como já vimos. Entender que Deus é o tudo, a Plenitude, e nós, a dependência do ser, o ser por participação, constitui o dom da ciência, possível até nos pagãos. Julgar, apreciar todas as coisas e todos os acontecimentos (sinais dos tempos) segundo Deus, - o dom da sabedoria, luz que procede da Palavra de Deus revelada. Penetrar os mistérios, - o dom do entendimento. Chegando às profundezas do próprio eu, descobrimos nossa radical incapacidade de fazermos o que quer que seja de bom independentemente de Deus: "Não como se fôssemos dotados de capacidade que pudéssemos atribuir a nós mesmos, mas A NOSSA CAPACIDADE VEM DE DEUS" (2Cor 3, 5). "Ninguém pode atribuir a si alguma coisa que não lhe tenha sido dada do céu" (Jo 3, 27) A ação é toda minha e toda de Deus.

O fundamento teológico do santo abandono é a confiança no Pai. Essa entrega total supõe a mais pura vivência da fé, da esperança e da caridade. Forma sublime de amar. Por isso mesmo, essa doação a Deus sem limites, embora seja uma via aberta a todos, poucos a percorrem. "Quem é conduzido pelo Espírito a um modo superior de perfeição, qual é o abandono total em Deus, não deve estranhar se outros, de virtude inferior, se prendem a meios menos elevados, mas também bons" (MSA pág. 201).

O abandono envolve confiança, esperança, conformidade com a vontade de Deus. A conformidade é querer o que Deus quer; é orientar tudo o que faço, para a glória do Pai; é sempre querer ser movido pelo amor. Só que na terra nunca chegaremos a possuir um conhecimento perfeito da vontade divina. Há sempre a sombra de nossa limitação no conhecimento. Nossa vontade pode sofrer um impulso contrário. Por isso, nunca poderemos chegar a uma conformidade perfeita como os habitantes do céu.

A entrega total a Deus dá SEGURANÇA, mesmo quando vierem a faltar os apoios humanos. Paulo, levado ao tribunal, totalmente só, declara: "Na primeira vez em que apresentei minha defesa ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Mas o Senhor me assistiu e ME REVESTIU DE FORÇAS" (2Tm 4, 16 - 17).

Os homens costumam construir-se uma segurança, garantindo primeiro os bens indispensáveis à vida. Só depois, procuram os bens espirituais, que passam até a considerar mais importantes. Jesus ensina o contrário: "Procurai ANTES DE TUDO o reino de Deus e sua justiça. Tudo o mais (vem depois e) vos será dado de acréscimo" (Mt 6, 33). Isto exige confiança e abandono.

Gaspar escreve ao Pe. Bragato: "Felizes os que fecham os olhos de sua curta visão quando a sábia mão de Deus toma a nossa para dirigir-nos e governar-nos" (MSA pág. 204). Como Abraão, o grande tipo e modelo de quem se abandona confiante em Deus, principalmente quando se torna impossível compreender onde Deus quer chegar; quando tudo se torna escuro ("sacrifica-me teu filho"). Demos a palavra ao beato Gaspar dirigindo seu filho espiritual, Pe. Bragato: "Confiemos em Deus. É tão bom confiar nele...: para mim a felicidade é estar junto de Deus, é pôr minha confiança no Senhor" (SI 72) (CB 26/08/1840). "Procure viver bem animado e

por em Deus toda confiança, que estará colocada em bom lugar e com muito mais vantagem do que se pode esperar... Conserve-se naquela tranqüilidade e paz inalterável, livre de toda perturbação e de toda raiz de amargura, conforme tanto recomendam S. Francisco de Sales e S. Paulo. Não procure senão o reino de Deus e sua justiça: alegre-se com a santa vontade de Deus e ajuste-se a ela". (CB 11/05/1841). "Deus se oferece para ajudar o homem que nele confia. Como não seria ele feliz? Que pode faltar a quem mora ao amparo do Altíssimo? (SI 90)... Quem se encontra batido pelas ondas, lembre-se de que o Senhor está com ele, ainda que durma na barca. E lembre-se ainda daquele "vem" dito a Pedro, com que pode caminhar sobre as águas. Ó amorosíssima embora tão oculta Providência de Deus. Quem poderia temer tendo sua casa em tuas mãos e sob a tua proteção?" (CB 26/09/1841). Ele inculca essa confiança e abandono em Deus às pessoas que dirigia espiritualmente. Se alguém se achasse na situação de não conseguir entender mais nada, levava-o a lançar-se nas mãos de Deus. Quando Leopoldina Naudet viu escapar-lhe boa oportunidade de adquirir um imóvel muito útil à sua obra, prontamente lhe escreve: A senhora não ouve com quanta força o Evangelho lhe está gritando: "buscai primeiro o reino de Deus... e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo?" (CN 33).

Sabemos que, à notícia da confiscação dos bens do Vaticano, o santo fundador se apressou a oferecer a Gregório XVI as terras recém-adquiridas de Sezano, suplicando se dignasse dispor delas. E como querendo convencer o papa que aceitasse a doação, garantiu-lhe que a cessão dessa propriedade "não impedirá, que eu continue no trabalho começado; antes, seria motivo para aumentar a confiança em prosseguí-lo" (Il Ven. Gaspare Bertoni, Stofella, págs. 196-197).

Desde menino, Gaspar foi fiel ao seu carisma. Apesar de sentir os maiores atrativos pela vida sacerdotal, não deu um passo nesse sentido, senão depois do chamado explícito de seu pároco e de um curso de exercícios espirituais: assim teve plena certeza da vontade de Deus.

Impossibilitado pela doença de ajudar a fundadora Leopoldina Naudet numa conjuntura difícil, confiava-lhe serenamente: "Se Deus quiser servir-se de minha contribuição, ele mesmo apressará o momento em que este pobre servo poderá correr" (CN 14). Outra vez, imobilizado no leito de dores, com tranqüilidade escrevia: "Não fazendo quase mais nada, estou olhando o que faz Nosso Senhor" (CN 13).

Escritura:

Mt 6, 25-33: Evangelho do Abandono em Deus

Gn 22, 1-3: impossível compreender onde Deus quer chegar.

Nm 20, 1-13: não avançar um passo, além do que Deus pede.

Do Salmo 36:

- Confia em Deus e faze o bem
habita na terra e vive tranqüilo;
- coloca no Senhor a tua alegria
e ele fará o que pedir teu coração.
- Confia no Senhor a tua sorte,

espera nele e ele agirá;
- Como a luz fará brilhar tua inocência,
e teu direito, como o sol do meio-dia.
- Diante de Deus sê calmo e confiante
e não invejes o que prospera em seus caminhos.
- Não te exasperes, pois seria um mal:
quem espera em Deus possuirá a terra.
- Os mansos possuirão a terra
e nela gozarão de imensa paz
- Mais vale o pouco para o justo
do que tanta fortuna para o ímpio.
- O Senhor vela pela vida dos íntegros
e lhes assegura uma herança eterna;
- nenhuma confusão para eles nos dias maus,
serão saciados quando vier a fome.
- O Senhor conduz os passos do homem,
são firmes e seu andar lhe agrada;
- e mesmo se cair não ficará prostrado,
porque o Senhor o toma pela mão.

O SANTO ABANDONO TORNA MAIS ATIVO

Gaspar torna-se instrumento maleável, DÓCIL nas mãos de Deus. "Nós somos a argila, tu és o nosso oleiro" (Is 64, 7).

Desde criança alimenta duas paixões: a música e os interesses de Deus. Mas não dá um passo no trabalho de apóstolo, sem o sinal de Deus. Julga de suma importância saber esperar e não se adiantar a ele. "Deixemos a INICIATIVA PARA DEUS, que sempre tem disposto bem de tudo" (CN 14). Tornou-se natural nele esta disposição de santo abandono. Por isso não perdia a serenidade durante os momentos mais críticos da vida. Quando acusado ao bispo, D. Lirutti, de levar só aparência de vida sacrificada, não teve a menor preocupação quanto aos efeitos prejudiciais que as más línguas poderiam causar-lhe. Era tal a sua confiança na intervenção oportuna de Deus em defesa dessa causa, que tranqüilamente deixou tudo para Nosso Senhor resolver, sem tomar a mínima providência nesse sentido. De fato, bastou uma visita inesperada do senhor bispo à casa dos Estigmas com os delatores, para desmascará-los. Isto, de deixar livre a ação de Deus, e não preveni-lo, mas segui-lo, era a norma de seus pensamentos, gostos, projetos e trabalhos.

Deixar para Deus a iniciativa não é cair na inatividade. É viver em sintonia com ele. Não é medo de agir. Bem ao contrário, é prudentemente esperar apenas o sinal de ordem de "Quem opera em vós (e convosco) o querer e o fazer" (Fl 2, 13) porque "sem Mim nada podeis fazer (Jo 15,5). Mas se eu sem Deus nada posso construir, é também verdade que Deus sem mim nada quer. Ao homem cabe aderir, e então será colaborador de Deus em seus planos de amor, ou recusar-se como os

fariseus e legistas que "frustraram os desígnios de Deus a respeito deles mesmos" (Lc 7, 30).

Percebido o sinal, o homem de inteira doação a Deus põe mãos à obra com DECISÃO, com ENERGIA e PERSEVERANÇA. "Devemos executar a vontade divina chamada de "sinal", aquela que nos é significada, e devemos adorar a vontade de beneplácito, aquela que nos é manifestada em fatos. E convém-nos alimentar a confiança de que Ele satisfaz a vontade dos que o temem" (SI 144). (CN 48).

Naudet rezando pela saúde de uma companheira, seu esteio na obra incipiente, duvidou se fosse contra o espírito de santo abandono. Veio a resposta do beato Gaspar: "Nem o desejo, nem a oração eu vejo contrários ao designo de Deus; antes, vejo aí muita conformidade com a vontade de Deus denominada pelos teólogos "de sinal"; devemos nós esperar até que se conheça a vontade de "beneplácito". Também eu aceito na minha insuficiência o compromisso de orar pela saúde dela" (CN 12). Vontade "de sinal" são as inspirações, os apelos; a "de beneplácito" vê-se nos acontecimentos. Gaspar era um espírito atento aos apelos da graça e sempre em atitude de prontidão para segui-la na ação. "Esmerada deverá ser a atenção em fazermos de nossa parte o necessário para não impedirmos quanto Deus pode e quer fazer da parte dele" (CN 19). E insistia: "Cabe ao homem preparar o coração (Pr 16, 1). Use de suma, esmerada e rara diligência em ter sempre preparado o coração para as visitas de sua divina majestade" (CN 22): O homem se abandona nos braços de Deus para AGIR MAIS E MELHOR.

De tudo isto podemos deduzir os princípios que norteavam este santo homem a sempre acertar com a vontade de Deus e viver abandonado em seus braços para glorificá-lo em todos os gestos da vida.

1) Nunca se antecipar a Deus, mas esperar sempre o sinal de sua vontade, dispendo-se com muita oração e aconselhamento. Cristo levou 30 anos de vida oculta, ensinando-nos a necessidade de uma sólida preparação para que os trabalhos sejam duradouros. Antes de enviar os apóstolos pelo mundo todo, Jesus ordenou-lhes: "entretanto permaneci na cidade até serdes revestidos com a Força do Alto" (Mt 28, 19; Lc 24, 49). Comportar-se de outra forma, é "fazer e desfazer" (MSA pág. 117).

O abandono em Deus não dispensa de se ir em busca de maiores luzes na oração, na direção espiritual, na Palavra da Escritura, no magistério da Igreja ou no conselho de pessoas prudentes. Até mesmo as inspirações convém se submetam ao juízo da autoridade eclesial, a quem Cristo entregou a guarda do rebanho. Se ao teólogo cabe a pesquisa, o discernimento do que convém apresentar aos fiéis foi dado à hierarquia. "Nas dificuldades que atingem a consciência e nas dúvidas sobre se uma ação possa desgostar de algum modo a Deus, não deixe de expor a dúvida e esclarecer-se... Deus não quererá negar a luz de sua sabedoria" (CN 93). E ainda: "Está muito conforme ao gosto de Deus ouvir e pedir conselhos a um homem sábio, prudente e zeloso amador dos interesses da glória divina" (CN 43).

2) Discernir e aferrar o momento. "Muitos precipitam os empreendimentos para ganhar tempo e antecipar o sucesso" (MSA pág. 218). Conhecida a vontade de Deus com o modo e o tempo, o santo homem deixava qualquer sombra de receio ou timidez, que sua quase excessiva prudência pudesse aparentar, e passava energicamente à ação, como guerreiro destemido. "Chegado o tempo da

manifestação, o eleito lança mão de caridade forte, sem fraquezas. Não olha mais o êxito. Não considera se serão bem ou mal recebidas suas palavras. Só põe a mira na ordem do Senhor e na satisfação da própria dívida, deixando o resultado para Deus" (MSA pág. 120). A coragem de Gaspar, então, era tanta, que quase a diríamos ousadia. Chega a afirmar que, abandonados em Deus, não temeremos lançar-nos ao mar, certos de que uma baleia de Jonas nos levará á praia.

3) Quando não se consegue ver mais nada, é hora de lançar-se nos braços da Providência (Gn 22, 1-3): "ó Altíssimo, no dia em que tenho medo, ponho em vós a minha confiança!" (Sl 55,3). "Quem espera em Deus nunca ficará confundido nem voltará com o rosto enrubescido. Por outro lado, Deus às vezes encaminha o processo por via diferente da que tínhamos programado, para aprendermos que, se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que a constroem (Sl 126. CN 153). Se o Senhor mostrou claro o objeto de sua glória, manifestará aos poucos, também o modo e o tempo" (CN 33). Se se viu claro o que fazer, não basta...; precisará também esperar para se conhecer claro como fazer. E ainda não é tudo. É preciso esclarecer-se sobre quando fazer. Assim como Deus deu o primeiro passo, dará igualmente o segundo e o terceiro, comunicando a luz que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1, 9; CN 32).

4) Além do que Deus pede, não avançar um passo, pois já não seria obedecer a Deus e sim ao nosso impulso pessoal, que pode criar barreiras à graça (Nm 20, 1-13).

5) Na condução da obra que Deus nos confia, não se julgar instrumento necessário nem com direitos reservados. Não estranhar quando a execução do plano de Deus for confiada a outro e não a nós. A obra de Leopoldina Naudet passava por seríssimas dificuldades. A fundadora conseguiu contorná-las e superá-las, graças em parte aos conselhos de seu sábio diretor espiritual. Justamente nesta ocasião ele foi nomeado diretor espiritual do Seminário Diocesano. Para estar mais disponível às exigências do novo cargo, por vontade do senhor bispo, devia deixar de assistir espiritualmente à casa de S. José, de Leopoldina. Tal afastamento parecia, à fundadora, fatal para a sua obra, da qual o Pe. Gaspar era tido como co-fundador. Ela tentou conservá-lo. Gaspar, fiel ao seu princípio de total entrega nas mãos de Deus, decidiu logo lhe escrever que estava pronto "a ir para onde Cristo me diz 'vai' ou a vir onde ele me chama 'vem' "(CN 3). Para ele, Deus fala através da hierarquia. Seguir as próprias inclinações e gostos seria subtrair-se às moções do Espírito Santo.

É bem interessante e original que ele tenha visto na Igreja, um modelo de abandono nas mãos do Senhor. Certamente porque ele a amava como a pessoa do Cristo. Exprime-se assim: "É esta a maneira da Igreja, esposa de Cristo, se portar: em virtude da promessa divina, segura da assistência do Espírito Santo, não deixa de buscar luz para agir em defesa da verdade a ela confiada ou da disciplina. Quando vê claro, não deixa de agir, de estudar, de consultar, para progredir mais na luz e na ação. E quando impedida de atuar, espera tempo fiada em Deus. Em todas estas circunstâncias, é sempre o mesmo, seu abandono em Deus. Bela virtude é abandonar-se nos braços onipotentes da divina Providência, quando não se pode agir. Mais perfeita e consumada virtude quando podendo e devendo agir com as nossas mãos, igualmente não deixamos de estar abandonados por inteiro nas suas. Assim devia ser quem afirmava: 'já não sou eu que vivo (e por conseqüência opero),

é Cristo que vive (e por conseqüência opera) em mim' (Gl 2, 20). A Igreja está, de fato, marcada pela contínua assistência de Cristo, que a conduz na linha da verdade. Ela pode ser apresentada como modelo de santo abandono. Ninguém poderá estar nas mãos de Deus de maneira mais perfeita do que ela através dos tempos" (CN 38).

Do Salmo 33:

- Muitas são as aflições dos justos
mas de todas elas o Senhor os liberta.
- Quando busco o Senhor ele me atende
e me livra de todos os temores.
- Olhai para ele e haveis de alegrar-vos
e vossa face não se cobrirá de confusão.
- Um infeliz chamou: Deus o ouviu
e salvou-o de todas as tribulações.
- Vela o anjo do Senhor
pronto para libertar os seus fiéis.

O FUNDADOR DOS ORATÓRIOS MARIANOS

Exemplo de homem de ORAÇÃO E AÇÃO, o beato Gaspar viveu toda a crise de seu tempo, a crise das novas idéias espalhadas como libertadoras do homem, pela Revolução Francesa. Sob a bandeira fascinante do Livre Pensamento, proclamava-se à boca cheia Liberdade, Igualdade, Fraternidade como conquista do direito de romper com as peias do passado. Revolução, sinônimo de renovação. E no bojo dessa novidade, o fruto dos maus costumes, dos erros, das desordens.

Gaspar, por formação, era um defensor do princípio de autoridade, que os renovadores desmitizavam. Como manterá ele a missão de profeta do seu tempo? Como conservará o justo equilíbrio entre o novo e o velho? Como preservará os valores imutáveis dentro duma sociedade em rápido processo de transformação? São as perguntas que faz o Pe. Aleixo De Marchi e às quais responde na revista "Consacrazione Servizio" em novembro de 1975; trazendo o mesmo título dele, vamos agora lhe acompanhar o pensamento.

Em tempo e circunstâncias nada fáceis, tempo hostil a movimentos de Igreja, tempo de acentuado indiferentismo religioso e da mais franca imoralidade, quando tudo era confusão e incerteza, entendeu ele que devia salvar os jovens em cujas mãos está o amanhã. Seguindo seus princípios, pôs-se a orar, aguardando a manifestação da vontade de Deus.

Um domingo, seu pároco o encontrou absorto em oração e o saudou assim: "você está com jeito de missionário; mas, entendamos bem, missionário dos meninos" (Il Ven. (Gasp. Bert., Stofella, pág. 54). Era o sinal de Deus. Irá agora se lançar como um leão na luta pela formação da juventude, tão sujeita às ondas e desmandos do tempo.

Precisamente a 20/06/1802, 40 anos antes de S. João Bosco, fundou para os jovens o ORATÓRIO MARIANO, na paróquia de S. Paulo em Verona. Na organização externa, para acompanhar a paixão do momento, adotou uma estrutura hierárquica militar, com terminologia militar, mas, visando a formação do caráter. Ele faz os jovens aprenderem a utilizar sadiamente o tempo através de competições esportivas, de longas marchas, da fanfarra, de aprendizado em artes e ofícios, além do mais sério tempo de aula e de oração. Desenvolve o senso da responsabilidade nos jovens, nomeando chefes e subchefes em todos os graus, como um exército. Escolhe os líderes a quem confiará papéis mais importantes de colaboração dentro do movimento. Promove academias literárias, para estimular o gosto pelas letras. Organiza exposições de trabalhos manuais com prêmios para os melhores, a fim de incentivar as habilidades artísticas dos jovens operários. Sabe explorar o entusiasmo natural, a generosidade sempre aberta dessa idade dos grandes ideais. Ao lado desse líder os jovens vibram, aprendem a viver juntos como em comunidade, a se olharem como irmãos, a superar qualquer diferença de classe, a não admitir fronteiras nem muros de separação.

Começou com oito meninos. Mas o número foi rapidamente crescendo, crescendo, até a cifra de 400; a quase totalidade dos jovens da paróquia. A transformação desses jovens contagiou a cidade. Em 1804 e 1805 foi levado a abrir o Oratório nas paróquias de S. Estevão e de S. Nasário. Em 1810 na de S. Firmo. Depois, na igreja dos Filipinos, na catedral e em S. Tomás. Mais tarde, o estigmatino Pe. Caetano plantou o Oratório em Santa Anastácia e o Pe. Luís Bragato, em S. Lourenço. Com a retirada dos soldados de Napoleão em 1814, os Oratórios se estenderam a todas as paróquias da cidade, e, pouco a pouco, a todas as cidades da diocese.

O bispo, D. Inocêncio Lirutti, testemunhou um dia: "Num instante fico sabendo do estado bom ou não de uma paróquia. Logo ao chegar, informo-me se há Oratório Mariano. Se responderem que existe, concludo logo que as coisas vão bem. E o fato me demonstra que não me engano. Se não há, temo muito, e infelizmente a realidade me prova que eu tinha razão de temer". E o cardeal, Luís de Canossa, numa carta pastoral de 1898, quase um século após a fundação dos Oratórios, pode atestar: "Se Verona não desmentiu até agora a glória de fiel e piedosa, o deve em grande parte aos Oratórios Marianos... Glória e eterno reconhecimento aos zelosos sacerdotes e leigos que se devotaram a tão santa obra, e sobretudo àquele que foi o primeiro de todos: o Pe. Gaspar Bertoni".

Se quisermos descobrir qual o segredo dos estupendos êxitos obtidos pelo beato Gaspar num campo tão ingrato, qual o da instabilidade característica dessa faixa etária, certamente um olhar puramente humano será insuficiente. O segredo não está em grandes novidades nos métodos educativos ou na linha dos princípios pedagógicos. Mais do que novidades teóricas, Pe. Gaspar é um ESPÍRITO SEMPRE NOVO. Não apresenta grandes normas, mas um GRANDE CORAÇÃO onde cabem todos os seus jovens. Não busca a si mesmo: é um apaixonado de Cristo e crê nas grandes possibilidades dos jovens. Conservador nos princípios e progressista nos métodos, que sabia adaptar ao tempo. Incansável animador dos jovens, que o adoravam. Pe. Lenotti, um dos primeiros a segui-lo, assegura que "a uma palavra do Pe. Gaspar, os jovens se lançariam nas chamas". Ele os conquistou. Eis, em resumo, o verdadeiro segredo: Pe. Gaspar foi um homem, fruto do seu

tempo, mas cujo dinamismo nascia da contemplação. Cálice que se enche - oração; cálice que transborda - ação. Um homem de intensa vida interior, ensinando-nos a fecundidade das lentas preparações e a durabilidade dos empreendimentos apostólicos.

ESPÍRITO DE ABANDONO NA FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO

Toda Congregação religiosa liga-se pela raiz às características da espiritualidade do fundador. E cada um de seus membros também.

A excessiva humildade de Gaspar não conseguia habituá-lo à idéia de fundador. Nunca teria decidido a iniciar um novo Instituto, se Deus não lhe tivesse claramente significado sua vontade. Desde 1802 vinha recebendo apelos nesse sentido. Foi o ano em que fundou os Oratórios Marianos, para a inteira promoção dos meninos e rapazes. Para dar cobertura diária a tão absorvente trabalho com várias centenas de jovens, logo se lhe juntaram uns sacerdotes novos e seminaristas maiores. Fascinados pelo exemplo heróico de Gaspar, desejavam todos uma vida de observância regular em comunidade.

Em 1810, explicando aos seminaristas maiores o livro dos Reis comentado por S. Gregório Magno, ficou tomado pela descrição dum novo tipo de pregadores segundo o Evangelho. Nascia a idéia de seus "MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS"; nome que não representa um título, mas uma tarefa.

Deviam ser (MSA pág. 231 - 232):

- uma divisão de operários... heróicos
- imitadores da vida dos apóstolos
- uma esquadra volante em auxílio dos bispos
- falando todos a mesma linguagem
- com um só coração e uma só alma
- preparados numa vida oculta como a de Cristo
- dotados de boa dose de coragem para sofrer e suportar perseguições
- atribuindo não a si, mas a Deus o êxito de seus trabalhos.

Em 1810 a vontade de Deus tornou-se patente numa VISÃO que ele, certamente por um impulso superior à sua natural aversão de manifestar as próprias experiências místicas, teve de revelar em 1812 ao Pe. João Marani, seu primeiro companheiro e sucessor no governo geral. Fiel aos seus princípios, esperou sem pressa, com muita oração. Em maio de 1816, pregando uma grande missão popular na igreja de S. Firmo, recebeu de Deus um novo aviso de que a hora se aproximava. De fato, em agosto, o vigário, Pe. Galvani lhe franqueou a igreja e adjacências dos Estigmas, como lugar suficiente para o início de um trabalho missionário. Era o derradeiro sinal aguardado. Mas, sinal só para olhos de um santo, pois a igreja dos Estigmas, reduzida a oficina de ferrar cavalo e consertar carruagens ao exército de Napoleão, achava-se em péssimo estado, com urgência de ser inteiramente restaurada. A casa constava de cinco cômodos bem incômodos, anexos à igreja e

arruinados. Da parte das autoridades públicas o tempo não poderia ser pior. Só mediante um ato de confiança e entrega total nas mãos da Providência ele se arriscaria a começar. Pois o governo da Revolução Francesa fechara todas as casas religiosas e dispersara seus membros, com a proibição de se reorganizarem. E mesmo vindo em 1814 a dominação austríaca, as agremiações religiosas eram mal vistas e as reuniões suspeitas.

Foi neste clima que a quatro de novembro de 1916, Pe. Gaspar entrou nos Estigmas com dois companheiros, Pe. João Marani e Irmão Paulo Zanolli, dando início a uma vida de comunidade que se prolonga até nós. Pelo fim do ano entrou o Pe. Ângelo Gramego. No ano seguinte, os padres Mateus Farinati e Caetano Brugnolli. Oficialmente reuniram-se para educar a juventude, motivo simpático às autoridades civis. A comunidade teve crescimento moroso nos anos seguintes. Depois do primeiro grupo corajoso, ninguém mais se aventurava a seguir os "penitentes dos Estigmas": a vida era por demais austera e o lugar extremamente apertado. Basta dizer que a mesma sala das aulas durante o dia, convertia-se em dormitório à noite. Os padres e o irmão coadjutor, macilentos, mas alegres, revezavam-se como serventes-pedreiro na reforma da casa e da igreja. Tempo de carestia, todos nos Estigmas sentiam na pele a calamidade pública: ao almoço, pão e papas de farinha de milho; ao jantar, sopa de verdura e farinha de milho. Às vezes um pedacinho de queijo. Carne, nunca se via. Uma vida solidária aos muitos pobres e famintos que perambulavam pelas ruas.

Com a morte de alguns companheiros e a saída de outros que não suportaram o rigor, o organismo ameaçou falência. Também porque o fundador, alma do grupo, passou a viver no leito da dor. As próprias aulas cessaram nos Estigmas em 1843, desde que os jesuítas voltaram a Verona e reabriram as antigas e beneméritas Escolas de S. Sebastião.

Ora, no pior das perspectivas, quando tudo era humanamente desalentador, quando todos previam o desaparecimento iminente da instituição, com meia dúzia de padres em Verona e um em Viena, o fundador, achacado, prosseguia escrevendo SERENA E CONFIADAMENTE as Constituições da Congregação, como se tudo corresse às mil maravilhas! Renova-se o que a Escritura enaltece em Abraão: "contra tudo o que poderia esperar, acreditou" (Rm 4, 18). Tinha absoluta certeza de que Deus cuidaria da obra inspirada por seu amor. Eis o santo da total entrega nas mãos do Pai, o homem da confiança sem limites. Foi ouvido afirmar: "se soubesse que o mundo iria acabar amanhã", eu continuaria na empresa começada".

As Constituições que caíram "gota a gota" no papel, como fruto de oração intensa e madura reflexão, trazem a marca do santo abandono. O fim que o fundador condensou na expressão "MISSIONÁRIOS APOSTÓLICOS" traduz já todo o espírito de entrega nas mãos divinas, necessário aos estigmatinos: significa DISPONIBILIDADE para atender às necessidades pastorais dos bispos da Igreja. Supõe em cada membro um contínuo empenho de habilitação e de preparação para qualquer eventual apelo dos sucessores dos apóstolos.

Notável também a atitude desse homem que, durante a vida, não cuidou de pedir a garantia canônica da aprovação do Instituto. Quando lho aconselhavam, limitava-se a responder: "não sou tipo de fundar Congregação".

Do Salmo 26:

- O Senhor é minha luz e minha salvação,
a quem poderia eu temer?
- O Senhor é o baluarte de minha vida,
perante quem tremerei?
- Que um exército de males se poste à minha frente,
nada tenho a temer;
- Que ele se lance em batalha contra mim,
ainda confiarei.
- Uma só coisa pedi ao Senhor, só a ela busco:
habitar na casa do Senhor por toda a minha vida
- para contemplar a beleza do Senhor
e servi-lo em seu Templo.
- Sim, ele me oferece um abrigo no dia da desgraça;
bem no fundo de sua lenda ele me esconde.
- Por isso irei celebrar em sua tenda um sacrifício festivo,
cantando um hino ao meu Senhor.

DOAÇÃO MISSIONÁRIA

Todo fiel é missionário pela natureza do seu ser-cristão, que tem origem na grande missão confiada por Deus Pai ao Filho e ao Espírito Santo para a formação do novo povo de Deus, composto não de uma raça privilegiada, mas de todas as nações da terra. Com o fim de realizar este plano de amor e formar de todos os povos uma família de filhos de Deus e irmãos entre si, o Verbo foi enviado ao mundo em nossa carne. Tornou-se a nova Cabeça do gênero humano, o novo Adão, cheio de graça e de verdade (Jo 1,14). O Filho eterno de Deus se fez homem, para que o homem se faça nele filho de Deus por graça de adoção. Ele veio para doar a vida em redenção por todos. Com o mesmo intuito constituiu sua Igreja, que devia ser conduzida inicialmente por aqueles 12 apóstolos, a quem mandou pelo mundo com missão e poderes especiais (Mc 3, 13): a hierarquia. Mas escolheu e enviou também 72 leigos (Lc 10, 1) a anunciar o Reino de Deus no meio dos homens, demonstrando que a pregação da Palavra não é privilégio reservado ao clero. Para completar a obra de Cristo, o Pai enviou o Espírito Santo a transformar o interior do homem e dar crescimento a este Corpo Místico de Cristo, como lhe sendo a alma.

Cristo, o grande enviado do Pai a doar-se para a promoção total do homem. A Igreja, a grande enviada de Cristo a doar-se e a prosseguir a mesma missão, desde o dia de Pentecostes até o fim dos tempos. Infelizmente, no desenrolar da história, o papel evangelizador foi-se tornando privilégio clerical e o termo Igreja, se restringindo à hierarquia, enquanto o leigo, já com sentido de ignorante, foi perdendo o dinamismo apostólico e tornando-se cada vez mais impreparado a evangelizar. Triste consequência: o processo da descristianização geral.

No meio deste fenômeno de acomodamento cristão, o Espírito Santo sempre suscitou em todos os lugares, homens de intenso e incomum zelo, verdadeiros apóstolos do seu tempo, para manter acesa a fé dos fiéis. Entre eles emerge a figura do Beato Gaspar, (escreve o Pe. Inácio Bonetti em *Il Missionário*, novembro de 1978) pela lucidez de sua convicção missionária e pela radicalidade de suas preferências apostólicas, quer na vida pessoal, quer em sua responsabilidade de fundador. E o articulista continua apontando o que contribuiu nele para a formação de seu espírito missionário e vir a ser um **HOMEM PARA OS OUTROS** à semelhança de Cristo.

1) A formação inaciana. Nos anos que freqüentou as Escolas de S. Sebastião dirigidas pelos jesuítas, sentiu a benéfica influência do Pe. Luís Fortis, seu diretor espiritual. Padre e pregador tiveram às mãos o livrinho dos Exercícios Espirituais de S. Inácio. Marcante foi aquela experiência mística consignada em seu diário espiritual: "Numa visita ao altar de S. Inácio com meus companheiros... parecia-me que o santo nos acolhesse com prazer e nos convidasse a promover a maior glória de Deus como ele fez e pelo mesmo caminho, embora de maneira diferente. Parecia-me que quisesse dizer: avante, soldados de Cristo... com a espada da Palavra... fazei meu espírito reviver em vós e em outros por vosso intermédio."

2) Sua espiritualidade radicalmente cristocêntrica: o propósito decidido de conformar-se em tudo a Cristo, de reproduzir em si o seu mistério sem atenuações. Tornou-se-lhe possível a vivência deste anseio, graças à sabedoria bíblica que nele foi reconhecida excepcional. Daí a vontade apaixonante de participar da missão salvífica de Cristo entre os homens de seu tempo.

3) De um lado, o conhecimento das desordens morais produzidas nas consciências pelos desmandos da revolução francesa e dominação napoleônica. De outro lado, a insuficiência pastoral por parte de um clero empenhado mais na preservação de direitos e interesses pessoais do que na doação à causa de Cristo, - inclinado mais ao bem-estar do que a evangelizar, - e dividido por tensões políticas.

4) No meio do caos, o chamado oficial de Deus através dum singelo aceno do vigário, o Pe. Girardi, que intuiu nele o carisma missionário:

— Ó meu Pe. Gaspar, está com jeito de missionário.

— Pois não.

— Mas entendamos bem, missionário dos meninos.

Nesse momento começou a grande obra dos Oratórios Marianos.

5) Logo mais, no retiro que pregou ao clero, deixou clara a idéia de que só se pode conceber uma pastoral de natureza missionária: "O mundo necessitado testemunho da vida evangélica vivida pelos apóstolos... As canseiras, os incômodos dos padres pelo próximo, não são coisas a mais, e sim obrigatórias ao nosso ministério... Nossa caridade não deve distinguir nobres e plebeus, cultos e ignorantes... mas distender-se indiferentemente por todos, onde quer que haja necessidade".

6) Para o caráter missionário que ele imprimiu à Congregação, foi determinante a missão em S. Firmo de 04 a 26/05/1816. Teve aí a visão da fisionomia definitiva do Instituto que estava prestes a fundar, como Congregação de Missionários Apostólicos em auxílio dos bispos. Neste título caracterizou-nos a atividade específica do Instituto. Ele mesmo, a 20/12/1817 recebeu o título de

Missionário Apostólico, só concedido aos grandes vultos que se distinguem pela inteira doação à causa do Evangelho.

DOENÇA E ABANDONO EM DEUS

Dinâmico e incansável por natureza, o ardor de seu ânimo foi golpeado na idade de 35 anos, em 1812, com a primeira doença mortal. Uma febre miliar, com erupções cutâneas, conseqüência de trabalho extenuante, de penitências e vigílias. Mas o homem da confiança tudo suportou com a habitual serenidade. Repetia incessantemente a oração da entrega total: "Recebei, Senhor, minha liberdade inteira. Recebei minha memória, minha inteligência e toda a minha vontade. Tudo que tenho ou possuo, de vós me veio: tudo vos devolvo e entrego sem reserva para que a vossa vontade tudo governe. Dai-me somente vosso amor e vossa graça e nada mais vos peço, pois já serei bastante rico".

Chegou a melhorar. Não mais a sarar completamente. Em 1813, grave recaída. A agudeza das dores que curtia, satisfaz a sede que só os santos experimentam, de sofrimentos e mesmo do martírio. Em seu diário, espiritual anotou várias vezes: "Desejo e petição, mesmo do MARTÍRIO". "Compreensão do grande bem que encerra o sofrer alguma coisa por amor de Deus" (MSA pág. 240).

Voltou a doença a prendê-lo na cama em 1814. Parecia que estivesse vivendo só para ensinar a sofrer. Em suas profundas meditações nos braços do sofrimento, entendeu e passou a ver a doença como a grande "ESCOLA DE DEUS" (CN 46). Interessante notar que antes da doença ele afirmava: "A escola em que Deus ensina, são as vidas dos santos, as Sagradas Escrituras e as luzes da oração" (MSA pág. 241).

Soube tirar todo proveito purificador das severas lições da longa enfermidade, que o fazia viver "não morto, mas ferido" (2Cor 6, 9). A dor o desprende de tudo que não fosse Deus. Tornou-se mais dócil e sensível à graça. Aprimorou-lhe a capacidade de ente-perfectível. Fê-lo crescer até o mais alto grau de intimidade com Deus.

Para muita gente feliz e satisfeita com o que TEM, Deus está a mais. Deixam-no de reserva para quando vier a cruz. Uma reviravolta nos negócios, um fracasso em suas pretensões ambiciosas, uma desilusão nas amizades, um acidente, uma doença grave, podem desfazer o mundo encantado da falsa segurança em si mesmos. Só ao faltar-lhes o chão, notam a falta de Deus e partem para o encontro com Ele. Os santos, como Cristo, não arrastam a cruz. Carregam-na. Sofrendo, continuam a amar.

Em 1822 apareceu-lhe um tumor na perna. Foi a causa do mais longo martírio. Custou-lhe dores incriveis, com cerca de 300 cortes a bisturi, muitas vezes longos um palmo e profundos até o osso, num tempo em que a ciência não dispunha de anestésicos. Nunca lhe saiu um lamento dos lábios. Nunca se opôs a qualquer ordem dos médicos. Durante as cruciantes operações, apenas rezava mais alto, pedindo desculpas aos cirurgiões. Uma vez viram-no derramar umas lágrimas: foi ao lhe furarem o osso acima do jarrete. Nessa ocasião escrevia: "Nosso Senhor me segura de cama e debaixo dos ferros e facas. Bendito seja. Bendirei ao Senhor

em todo tempo (Sl 33). Só me basta que isto seja a seu serviço. Recomendo-me às suas orações para que Deus me conserve a paciência que me está dando. 'Sem mim nada podeis fazer' " (CN 11 3).

O curso da doença iludia as previsões dos médicos mais experientes. Quando tudo parecia perdido, vinha inesperadamente uma melhora, que ele atribuía aos médicos e à cruzada de orações que a cidade inteira fazia. E quando a melhora parecia firmar-se, o mal se agravava. Ele denominava isto "brincadeiras da divina Providência" (CN 123). E diante das opiniões desencontradas dos médicos: "Uns dizem uma coisa, outros outra e eu não digo nada. Deixo por conta de quem entende. Basta isto: 'quer vivamos, quer morramos, somos do Senhor' " (Rm 14, 8) (ib). Vê-se em tudo o homem para quem já se tornou normal viver abandonado nos braços de Deus, haja o que houver. Ele já não via nenhum acontecimento de ordem puramente natural, senão tudo dentro do plano de Deus, que tira proveito de tudo para o nosso bem. Por isto saía com estas: "Nosso Senhor me pôs de cama". "Nosso Senhor esta manhã me tirou a Missa e o Breviário. É que começou a supurar aquele tumor no joelho. Vamos ver o que Ele pretende..." "Parece que a divina Providência me quer dar... aquele pouco de santidade de que necessito" (CN 147; 142; 104).

De 1842 até a morte (1843) a doença não o deixou mais. Os últimos dois anos e meio, foram de tal imobilidade na cama, seu verdadeiro Calvário, que parecia crucificado. As dores eram tão lancinantes, que foi ouvido dizer: "Se soubessem meus filhos que dor sinto, se soubessem! É tal a angústia que eu cairia no desespero se Nosso Senhor não me ajudasse com sua graça". "Meus filhos peçam muito a Nosso Senhor me dê paciência. Preciso de sua ajuda para poder agüentar" (MSA pág. 244). Mas no meio do martírio que cortava o coração dos presentes, afloravam-lhe aos lábios suas habituais palavras de doação total: "Seja feita a vossa vontade" (ib).

Sua preocupação não era a saúde ou a doença, mas VIVER UNIDO A DEUS, amá-lo, mesmo no sacrifício supremo de tudo. Não pedia a cura, mas força para levar a cruz. Parecia que tivesse medo de não sofrer. É o que se deduz da coragem que mostrava em dirigir-se a Deus nestes termos. "Batei, Senhor, batei, que tendes razão. Batei, que eu mereço. E mereço pior que isto" (ib). À pergunta se estava precisando de alguma coisa, veio pronta a resposta: "Eu necessito sofrer" (MSA p. 245). Vivia da forma mais intensa possível o de que dispunha no momento. É a entrega mais perfeita e transformante em Cristo vítima. Ainda são palavras suas: "A perfeição... consiste em conformarmos nossa vida com a de Cristo, Nosso Senhor: para ser perfeito, o discípulo deve ("basta" Mt 10, 25) ser como seu Mestre" (MSA p. 252).

Cópia viva do Mestre crucificado. Podia dizer com S. Paulo: "Longe de mim o gloriar-me senão na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, por quem o mundo está crucificado para mim e eu crucificado para o mundo... porque trago no meu corpo os estigmas do Senhor Jesus" (Gl. 6, 14 - 17). Cabe-lhe bem o nome de fundador dos estigmatinos.

Escritura:

2Cor 6, 4-10

Rm 14, 7 - 8

Do Salmo 37:

- Fétidas e purulentas são as minhas chagas, estou abatido, prostrado, sem forças;
- Ardem em febre os meus rins, já não há nada de intacto em minha carne;
- estou alquebrado, esmagado, não posso mais; grito com tamanha dor no coração
- Senhor, diante de vós estão os meus desejos, não estão escondidos de vós os meus gemidos;
- palpita-me o coração, abandonam-me as forças e falta-me até a luz dos olhos.
- Sim, estou preste a desfalecer, minha dor não me deixa nunca.
- Não me abandoneis jamais, Senhor, meu Deus, não fiqueis longe de mim.
- Depressa, vinde em meu auxílio, ó Senhor, minha salvação.

Do Salmo 72:

- Quando meu coração me amargurava, me tomastes pela mão direita;
- por vosso conselho me conduzireis, para me acolherdes, um dia, em vossa glória.
- Quem, pois haveria eu de ter no céu, se tendo a vós, nada mais me dá prazer na terra?
- Minha carne e meu coração já estão gastos; mas Deus é o apoio para o meu coração e minha herança para sempre.
- Para mim, estar perto de Deus é a felicidade perfeita:
- junto de Deus busquei refúgio para anunciar as obras do Senhor, diante das portas de Sião.
